

IX Convenção de Professores de Língua Inglesa dos
Estados do Sul – APLIEPAR, APLISC e APIRS

2 e 3 de junho de 2006

Mesa-redonda 2 “A integração entre ensino de língua e outras áreas:
cognição, discurso e fala”

**Até onde vamos com a análise da fala-em-interação de sala
de aula de língua estrangeira**

Pedro M. Garcez, UFRGS/CNPq

A ACE e a preocupação com interação em ASL

O valor e a função do uso da linguagem para aquisição da linguagem passaram a ser tópicos para a Aquisição de Segunda Língua, sobretudo no âmbito da Hipótese Interacionista e para as perspectivas socioculturais.

Os analistas da conversa etnometodológica que se interessam pela fala-em-interação em língua estrangeira estranham a caracterização da fala-em-interação em língua estrangeira ao examinarem os estudos interacionistas em ASL.

A preocupação com interação em ASL e a ACE

Wagner (1996), em artigo publicado em número especial do *Journal of Pragmatics* devotado à análise de fala-em-interação em L2 desde a perspectiva etnometodológica, faz uma crítica severa aos estudos “interacionistas” na área de ASL, especialmente em função do modelo de uso da linguagem equivocado que a área emprega e da má compreensão do processo interacional que está na base dos estudos de modificação de insumo em ASL. Isso deflagra um debate entre analistas da conversa e pesquisadores e teóricos ligados às perspectivas socioculturais e à Hipótese Interacionista em ASL.

Pressupostos da HI em ASL

Insumo modificado ou negociação de significado/sentido é condição necessária para a aquisição de L2...

- interação \cong negociação de significado/sentido
- interação \cong seqüências de iniciação de reparo
- *baseline data* = interação “não-modificada”
- *baseline data* = normal = FN-FN
- iniciação de reparo = anormalidade do discurso NN

Inter-ação?

ASL

qualquer relação de
influência mútua entre
duas forças

Ellis (2000): “interação
intrapessoal”

(cf. Garcez, 2002b)

ACE

ação social conjunta e
coordenada dos
membros de um grupo
social

Interação

ASL

- modelo da mensagem
- competência \cong proficiência
lingüística \cong acurácia
- matriz interacional: FN =
dados de base sem
perspectiva seqüencial da
produção da ação
- FN = língua completa #
FNN = a caminho do
normal

ACE

- modelo sociológico (ação)
- ação \Rightarrow intersubjetividade +
accountability
- matriz interacional: conversa
cotidiana, com ênfase na
organização seqüencial
- FN? identidades são construídas
na interação

A preocupação com interação em L2 em ACE

A participação na fala-em-interação em LE difere da participação da fala-em-interação em L1?

As identidades de FNN são relevantes?

As ações se realizam de modo distinto na ILE?

A preocupação com interação em ASL

Ellis (2000) *Learning a language through interaction*

- (1) De que maneiras a interação/o insumo contribui para a aquisição de L2?
- (2) Que tipos de interação/insumo promovem aquisição de L2?
- (3) Que tipo de pedagogia é necessária para que os aprendizes em sala de aula tenham uma experiência de interação rica para a aquisição? (p. 231)

ACe e ASL: o debate entre Firth, Wagner e outros, e
Long, Gass, Kasper e outros no *Modern Language
Journal* 81(3), 82(1)

Os estudos que lidam com interação em L2 poderiam se beneficiar:

- a. Uma consciência significativamente alargada acerca das dimensões contextuais e interacionais do uso da linguagem;
- b. uma maior sensibilidade êmica (isto é, privilegiando categorias demonstradamente relevantes para o participante) diante dos conceitos fundamentais;
- c. uma ampliação da base de dados tradicionais em ASL.

(p. 286)

Firth & Wagner (1997): Reconceituação do horizonte

Do aprendiz/imitador de falante nativo para participante como usuário da linguagem em arenas cada vez mais amplas

- a. FN pode não ser o ponto de chegada para vários falantes de L2 que fazem o que precisam fazer na sua vida em L2;
- b. essas pessoas não são apenas aprendizes em sala de aula;
- c. a noção de interlíngua pode não ser adequada do ponto de vista êmico.

A análise de interação em L2 em ASL

A polarização do debate se esgota, mas os desenvolvimentos contemporâneos são importantes:

1. Discussão interna à HI em ASL não ignora a crítica, mas abafa a discussão (cf. Long, 1998; Ellis, 2000)
2. Aproximação entre analistas da conversa e teóricos da linha sociocultural em ASL
3. Desenvolvem-se trocas efetivas entre pesquisadores em ASL e ACE: Wong & Olsher (2000), Schegloff (2000), Schegloff, Jacoby, Koshik & Olsher (2002), BAAL (2002), Markee & Kasper (2004), Gardner & Wagner (2004), *MLJ* 88(4) (2004)
4. Estudos de ASL com base em ACE: Markee (2000), Wong (2000a, 2000b), Seedhouse (2004), Hosoda (2006), Freitas (2006)
5. ACE para ASL: *MLJ* 88(4) (2004)

A análise de fala-em-interação em L2

Schegloff, Jacoby, Koshik & Olsher (2002):

Há um terreno aberto para investigação nessa área inteira para aqueles que queiram empreender a tarefa de reunir o treinamento necessário em ACE com o engajamento com as questões que a Linguística Aplicada focaliza.

(p. 18)

Muitas dessas questões dizem respeito a participação em fala-em-interação de sala de aula (cf. Ellis, 2000)

A análise de interação em L2 no âmbito da ACE-para-ASL

O “debate” avança,

“ACE para ASL” (Markee & Kasper, 2004)

se espraia em conexões com as perspectivas socioculturais nos estudos de ensino e aprendizagem de L2,

se conecta com outros debates em ACE...

(Cognição e fala-em-interação: se pode analisar e documentar onde e como houve aprendizagem? (Molder & Potter, 2005)

e, por tabela, torna a abordar questões de interesse em Lingüística Aplicada e ASL.

Fala-em-interação da sala de aula tradicional

Um sistema de troca de falas modificado em relação à conversa cotidiana:

- Gerenciamento de turnos pelo professor, com restrições impostas 1) à auto-seleção pelos alunos (cf. levantar a mão para ter a vez) e 2) a seleção de aluno por aluno
- Garantia de manutenção de turno pelo professor (cf. TTT) e enfraquecimento da garantia de escuta e entendimento
- Tendência a maximizar intervalos e diminuir sobreposição
- Alunos alinhados em *self* coletivo
- Elocuções propositadamente incompletas
- Iniciação-Resposta-Avaliação (*Feedback*)
- Preferência por auto-reparo na ausência de preferência por auto-iniciação de reparo
- Espaço privilegiado para prática da correção como domínio organizacional próprio

Fala-em-interação da sala de aula de língua estrangeira

Em contexto de desenvolvimento de proficiência, temos um sistema de troca de falas modificado em relação à conversa cotidiana E à sala de aula tradicional:

- A sala de aula de língua estrangeira “comunicativa” parece querer fazer crer que não se organiza como aula, mas como conversa
- Duplamente modificada; duplamente institucional
- *Pair-work, group-work*
- *Role-play* e encenação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

***WITH A LITTLE HELP FROM MY FRIEND: UM ESTUDO
SOBRE O REPARO LEVADO A CABO PELO TERCEIRO NA
SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA***

Dissertação de mestrado, orientada pelo
Prof. Pedro de Moraes Garcez, Ph.D.

Ana Luiza Pires de Freitas

Porto Alegre, março de 2006.

Reparo levado a cabo pelo terceiro

1. *A self*: fonte de problema
2. B outro: iniciação de reparo
3. C terceiro: reparo

Intrrometido ou bem-vindo?

- Em conversa cotidiana, há evidências (Egbert, 1997) de que é mal-recebida a ação de um terceiro participante que leva a cabo o reparo em uma seqüência de reparo iniciado pelo outro
- Uma perspectiva teórica vygotskiana sobre aprendizagem poderia ver como interessante e metodologicamente bem-vinda essa “ajuda”
- Como os participantes na sala de aula de LE vêem essa ação?

Aproximação do Tema

Baseada no princípio de que cabe, preferencialmente, ao falante da fonte do problema resolver a questão que deu origem à iniciação de reparo, explorar **o que acontece, quando, em contexto de ensino e aprendizagem, um terceiro interagente se candidata a participar em algum momento da seqüência.**

Resultados

- Receptividade à intervenção de um terceiro interagente?
Sim e não: não foi possível afirmar a existência de um padrão interacional único.
- Observaram-se marcas de receptividade e também de reprovação à participação de um terceiro interagente, tanto em relação a orientações de fala-em-interação mais características de conversa cotidiana quanto de fala reconhecida como de sala de aula.
- As fronteiras entre conversa cotidiana e fala institucional podem ser transitórias; não parece haver uma partição radical *a priori* entre elas.

Resultados

- A fala-em-interação de sala de aula se constitui de modo situado e se organiza como um nexos de sistemas de fala inter-relacionados (Markee & Kasper, 2004). Não se pode prever o que vai acontecer; é uma aventura (Cazden, 2001).
- Os alinhamentos dos participantes se alteraram de acordo com as diferentes situações.
- Não houve evidências de um arranjo interacional exclusivo consistente, seja na forma de um *self* conjunto de alunos (McHoul, 1990), seja dos alunos sempre como indivíduos. As maneiras como eles se orientam na fala-em-interação sempre esteve situada na trajetória interacional.

Implicações para o Ensino e Aprendizagem de LE

- A participação efetiva em sala de aula pode ser concebida em escopo mais amplo do que tomar o turno ou negociar sentido, no caso em tela, implica *ser hábil em negociar a receptividade de sua contribuição* ou mesmo *adequá-la ao contexto em que é produzida*.
- As salas de aula de LE observadas mostraram-se férteis de oportunidades para vivenciar a riqueza das circunstâncias interacionais da vida cotidiana e institucional.

Implicações para o Ensino e Aprendizagem de LE

- Os resultados reiteram o caráter emergente e improvisado da fala-em-interação de sala de aula e os limites de aplicações de racionalidade técnica.
- Oportunidades de co-participação - mais do que a própria resolução correta de qualquer tarefa pedagógica em si, é o engajamento colaborativo entre os interagentes o que mobiliza as capacidades de desenvolvimento mútuo na ação conjunta.
- *With a little help from my friend* - interação e aprendizagem estão interligados, resta saber de que modo precisamente. Novos trabalhos de pesquisa serão bem-vindos para investigar a dimensão e o caráter dessa relação.